

Título: Psicopedagogia Inclusiva: Uma ação ao resgate do desejo de aprender em adolescentes abrigados e/ou em situação de rua.

Emília Naura Santos Bouzada \*

Mayara Carvalho de Oliveira

## INTRODUÇÃO

A construção desse capítulo visa apresentar o trabalho de pesquisa realizado com um grupo de adolescentes em processo de Reabilitação Psicossocial no Curso de Especialização em Saúde Mental da Infância e Adolescência, do Instituto de Psiquiatria da UFRJ (de 2004 a 2007), o *Projeto de Trabalho: Construção de Maquete*, de Laura Monte Serrat Barbosa (1999). Para tanto, o projeto teve como instrumento de intervenção para ressignificação da aprendizagem o resgate do desejo de aprender.

Apesar de a autora apresentar a sua metodologia para intervenções psicopedagógicas individuais, trata-se de um projeto desenvolvido no Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil - CAPSIJ/IPUB-UFRJ. Tal metodologia teve como base um método de intervenção multidisciplinar formada por pedagogos, psicólogos, psicanalistas, assistentes sociais, médicos, enfermeiros e educadores dos abrigos, que agiram em um grupo de adolescentes abrigados em dispositivos da Assistência Social da cidade do Rio de Janeiro-RJ os quais, por sua vez, integram o programa *Adolescentes: Saúde Mental e Cultura* – PASMEC.

O desejo em realizar esse trabalho como profissional em Pedagogia e especialista em Psicopedagogia me possibilitou desenvolver um projeto de trabalho em que eu pudesse dar a esses adolescentes a oportunidade de, por meio de suas próprias aprendizagens, construir algo oriundo de seu imaginário, isto é, advindo de sua própria realidade. A ideia era que esse projeto pudesse vir a ter uma representação concreta de forma criativa e prática, em que as aprendizagens desses meninos fossem não só representadas e apresentadas, mas também ressignificadas.

A proposta desse trabalho é procurar demonstrar que o *Projeto de Trabalho: Construção de Maquete* pode se apresentar como um rico instrumento de intervenção ao

---

\* Pedagoga (UCB/RJ), psicopedagoga clínica e institucional (UNP/RN), especialista em Saúde Mental na Infância e Adolescência e em Reabilitação Psicossocial (IPUB- Instituto de Psiquiatria Universidade do Brasil/ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro), e-mail: emiliabouzada@hotmail.com.

resgate do desejo de aprender com esses adolescentes abrigados e/ou em situação de rua, e possui como base teórica o projeto original de Laura Monte Serrat Barbosa para o desenvolvimento da construção de uma maquete. Segundo a autora:

(...) a construção de uma maquete é uma forma de conhecer a realidade, percebê-la no seu todo, lidando com suas relações espaciais, proporções e volumes no espaço... Brincar de criador ou recriador do mundo pode ser uma atividade muito rica para aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem, principalmente se estas estiverem ligadas à organização espacial e as questões metacognitivas. (BARBOSA, 1999, p.74).

Esta experiência positiva com o grupo de adolescentes em situação de risco psicossocial pode levar a resultados semelhantes ou diferenciados devido ao fato ser uma atividade criativa, apresentada de forma lúdica, e mediada por uma ação psicopedagógica. O objetivo é criar possibilidades de inclusão, uma vez que o intuito do projeto é promover a (re) construção das estruturas cognitivas e afetivo-emocionais inseridas no processo ensino-aprendizagem de adolescentes com dificuldade de aprendizagem e conduta antissocial, inclusive, no ambiente da escola pública.

Considerar este público significa tomá-lo a partir do contexto educacional e social no qual ele está inserido, assumindo a inserção dele num sistema de aprendizagem formal (sistemática) – a do ambiente escolar – e informal (assistemática) – adquirida nas instituições familiar e comunitária. Tal projeto, mais do que responder a uma preocupação particular desta proposta de pesquisa, pode ser uma contribuição para o enfrentamento de uma situação concreta com a qual as escolas públicas lidam diariamente e que tem resultado no grave problema da repetência, da evasão escolar e mesmo de uma exclusão silencioso-velada/negada destes alunos.

### **Do Pensamento Criativo à Representação Concreta da Aprendizagem Humana.**

O projeto de construção de maquete constituiu-se em um espaço de construção de aprendizagem - um fazer a várias mãos - como uma possibilidade de representar de forma construtiva, lúdica, os nossos saberes, conhecimentos, e aprendizagens formais e informais (sistemáticas e assistemáticas). Tal espaço (não escolar e não clínico) pode propiciar uma ação transformadora em que as aprendizagens se apresentam e se expõem a seus modos e dos seus jeitos, ou seja, um espaço de credibilidade no sujeito humano,

onde o ambiente físico, embora muito simples, pode propiciar o aparecimento de seus múltiplos conhecimentos e saberes.

Foi acreditando que a aprendizagem é algo de valor permanente na vida de cada sujeito humano é que foi utilizada a construção de maquete para propiciar o ressurgimento de um conhecimento já existente e que, por vezes, não foi reconhecido. O *Projeto de Trabalho: Construção de uma Maquete* poderia, portanto, ser tomado como algo que provoca uma apropriação de novas formas de conhecer, fazer e aprender, partindo sempre daquilo que o sujeito já sabe, isto é, dos conhecimentos prévios para o desenvolvimento de um novo conhecer.

Fernandez (1991) afirma que “Somente ao integrar-se ao saber o conhecimento é aprendido e pode ser utilizado.” O processo de construção do conhecimento humano na Psicopedagogia advém, dessa forma, de um “olhar diferenciado”<sup>1</sup> no que diz respeito às dificuldades de aprendizagem, e é por meio desse processo que se busca resgatar o desejo de aprender a partir da valorização dos conhecimentos prévios.

Tomemos, então, a construção de maquete como sendo um rico material disparador de aprendizagens, que além de ser utilizado pela Psicopedagogia, pode e deve ser tomado como um dispositivo de Aprendizagem Pedagógica para todos os alunos e, principalmente, para aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem e dificuldades de comportamento (leia-se os alunos adolescentes tidos como indisciplinados, inquietos, e que não prestam atenção às aulas, ou seja, os alunos “bagunceiros”) da escola pública que estejam cursando o ensino fundamental e/ou médio.

Na condição de Pedagoga e Psicopedagoga, questionava-me sobre o “**Lugar do Aprender**” (grifo meu) para esses sujeitos, adolescentes em situação de rua e/ou “acolhidos” em abrigos, tidos por alguns como “caso perdido”, que não estão “nem aí” para “o aprender”. Será que realmente para esses adolescentes estar ou não na escola não faz “a menor diferença”? Como poderá a nossa prática ajudar no processo de inclusão a esses adolescentes?

Ínfima é a chance de que, os que estão ausentes do sistema escolar, isto é, fora do processo-ensino aprendizagem, sejam incluídos nesse processo. O ideal, portanto, seria que os profissionais, gestores e autoridades em educação revissem suas posturas,

---

<sup>1</sup> Olhar diferenciado: Olhar direto, reflexivo intuitivo. Olhar das possibilidades, da aceitação e valorização dos conhecimentos prévios do sujeito. O ser é visto como o ser que constrói a todo o momento, em todas as circunstâncias.

permitindo-nos que nos lancemos às novas formas de fazer e a transpor os paradigmas existentes para realmente incluir esses adolescentes e acolhê-los em suas dificuldades, podendo assim trabalhar as suas possibilidades, reconhecendo-os em suas potencialidades.

Contribuindo para nossa reflexão, Santos (2008) enriquece nosso pensamento sobre as práticas de inclusão escolar como um processo a ser considerado e que em suas palavras nos diz:

Quando falamos de inclusão escolar, referimo-nos a construir todas as formas possíveis por meio das quais se busca, no decorrer do processo educacional escolar, minimizar o processo de exclusão, maximizando a participação do aluno dentro do processo educativo e produzindo uma educação consciente para todos, levando em consideração quaisquer que sejam as origens e as barreiras para o processo de aprendizagem. (p.24).

Consideremos, assim, que a maior barreira a ser transposta, no que diz respeito a esses adolescentes em situação de rua, é a de reconhecermos que esses adolescentes são resultados das políticas excludentes. Adolescentes que, pelo processo político-social vigente, são destituídos do lugar de cidadãos e, portanto, destituídos do processo ensino aprendizagem. Qual seria, então, o percurso político, cultural e social desses adolescentes até chegarem à escola? E como são acolhidos?

No intuito de buscar respostas para essa pergunta, tivemos conhecimento que esses jovens que estão em abrigos municipais e que vão para a escola, vão porque estão na condição de “abrigados” e porque lhe é “de direito”. Tal direito foi promulgado em 13 de julho de 1990, pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) e é considerado fundamental à pessoa humana bem como todos os outros. Observe-se o depoimento de uma das adolescentes do grupo:

*-“Lá (referindo-se à escola), me chamaram assim:*

*“- R. do abrigo, da Carioca, por favor, venha aqui!” sic.*

*“-Aí tia, nesse momento, sujaram o meu filme! Tava até gostando de ir para escola, tava rolando uma paquerinha!” Aí queimou meu filme né, e não voltei mais, fiquei com vergonha!*

Depoimentos como estes nos fazem perguntar: Onde fica, para esses adolescentes, o lugar do conhecimento- desconhecimento, do saber- do não saber, do

tido como aprendido- ou do desaprendido para eles? E o lugar da escola na vida desses adolescentes? Como se dá o processo de aprendizagem, o que é utilizado como meio de intervenção para que esses adolescentes e para que possam ser visto em suas possibilidades. O que significa incluí-los? Onde é que as Políticas, as Culturas e as Práticas nos ajudam no processo de Inclusão na escola, na família e no social, principalmente para com esses adolescentes que se encontram em abrigos e para os que estão nas ruas?

Acreditávamos que o trabalho ali, naquele momento, no CAPSIJ, poderia proporcionar o transparecer de suas aprendizagens já adquiridas, ou seja, das nossas aprendizagens, já que como profissionais estávamos também incluídos nesse processo de construção da maquete e acreditávamos que poderia surgir daí novas possibilidades de aprendizagens e conhecimentos.

De fato, ali estavam, embora não fossem reconhecidos, os tais conhecimentos prévios desses adolescentes. Conhecimentos não só de Linguagem, Gramática (ainda que precários em representações fonéticas e gramaticais), mas também de Escrita (na construção do título da maquete ou na construção de cartazes, por exemplo). Conhecimento das Artes (grafitagem), da Matemática (soma, subtração, medição, comprimento, espaço, distância entre os objetos) e da Física (a representação na disponibilidade dos objetos sobre a planta baixa, base de sustentação). Além de Conhecimentos de Química (mistura de tintas), História, Filosofia, Ciências e até mesmo Psicologia, como pude notar pela interação com o outro, disponibilidade interna, tolerância ou não a frustrações, dentre outros.

Ademais, cada profissional da equipe multidisciplinar podia intervir com suas práxis, possibilitados pelo trabalho em grupo, que reafirma a credibilidade de que o Sujeito Humano é um ser aprendente e ensinante.<sup>2</sup> Passemos, então, ao lugar que cada sujeito ocupa diante do conhecer e do aprender, bem como posicionamentos singulares como ensinantes e aprendentes.

Tais posicionamentos (aprendentes-ensinantes) podem ser simultâneos e estão presentes em todo vínculo (pais-filhos, amigo-amigo, aluno-professor...). Assim não se poderia ser aluno e professor de seu aluno ao mesmo tempo, ao contrário, só quem se posiciona como ensinante poderá aprender e

---

<sup>2</sup> O termo ensinante e aprendente é usado por Alicia Fernandez para designar sujeitos de aprendizagens que ora está no lugar do aprender e ora no lugar de ensinar, atualmente a mesma utiliza o termo “sujeitos aprendensinantes”, já que todos podem ser aprendentes e ensinantes ao mesmo tempo. Sujeitos humanos dotados de subjetividades em suas interações com aprender.

quem se posiciona como aprendiz poderá ensinar. (FERNANDEZ, 2001, p.54)

Múltiplos foram os olhares e saberes, ainda que de áreas distintas, que não só buscavam constantemente ações inclusivas de aprendizagem, mas também mediavam tais ações para esses indivíduos, a fim de torna-lo o sujeito de aprendizagem em trabalho. Dessa maneira, o olhar diferenciado do psicopedagogo vai ao encontro de tentativas de mediar essa ação multidisciplinar inclusiva, utilizando, portanto, *Projeto de Trabalho: Construção de uma Maquete* de tal forma a evitar o esfacelamento, isto é, a fragmentação e a estratificação no processo de aprender para com esses adolescentes.

### **Aplicabilidade do instrumento de intervenção psicopedagógica e multidisciplinar como material disparador de aprendizagem.**

A aplicação do *Projeto de Trabalho: Construção de Maquete* levou os adolescentes ao que podemos chamar “elaborações criativas”, concretizadas pela transformação de material de sucata (papel, tampinha de garrafas, rolhas, argila, garrafas PET, embalagens, etc.) em objetos representativos da realidade social vivida por eles na cidade do Rio de Janeiro. Tais elaborações manifestaram-se na representação de viadutos, campos de futebol (no caso, o Maracanã), do Pão de Açúcar, Estação da Leopoldina, de favelas, dentre outros.

Sendo assim, para o grupo, foi estabelecido um espaço de atenção – propiciado pelos olhares diferenciados da equipe (inter e multidisciplinar) responsável por mediar intervenções de ordem meta-cognitiva e afetivo-emocional, o que levou à promoção de uma possível resignificação da aprendizagem. No decorrer e no final do nosso trabalho, foi possível perceber que os adolescentes mantiveram-se motivados, estabelecendo um vínculo afetivo entre eles e com a aprendizagem assistemática e manifestando o valor que davam ao fato de levarem para o grupo seus próprios conhecimentos.

Foi a partir desta experiência positiva, associada a possibilidades de criarem-se espaços de inclusão no processo de ensino-aprendizagem, que resolvi apresentar este trabalho, como uma possibilidade tomar como objeto de estudo esses adolescentes com dificuldade de aprendizagem e conduta antissociais, matriculados em escolas públicas do ensino fundamental, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro.

## Relato do trabalho

A escolha por esse tipo de trabalho, na perspectiva de uma construção criativa, se deu a partir do *Projeto de Trabalho: Construção de Maquete*, baseado na metodologia de o *Projeto de Trabalho: Uma Forma de Atuação Psicopedagógica*, de Laura Monte Serrat Barbosa (1999). O “Projeto de Trabalho” tem por fundamentação as teorias do desenvolvimento do conhecimento humano, sendo elas: Willian Heard Kilpatrick (1871-1965), Jean Piaget (1969), Vygostsky (1987), Jorge Visca (1987), Pichon-Rivière (1988), e Sant’Anna (1976).

Desse modo, a Construção de Maquete com esse grupo se deu por uma demanda de leitura de vários artigos de jornais que retratavam a vivência de adolescentes em situação de rua, e que abordavam casos explícitos de situações de violência, drogas e abandono vividos por eles. O teor das manchetes era escolhido pelos próprios adolescentes do grupo e mediado para reflexão crítica em conjunto com a equipe multidisciplinar. Após a apresentação dos artigos, fez-se a eleição do melhor assunto abordado (a votação ocorreu de maneira democrática), gerando-se, assim, a eleição de um único material para elaboração do tema de trabalho.

A escolha foi pelo tema Comunidade X Condomínio, matéria apresentada por uma adolescente do sexo feminino e de aproximadamente 16 anos de idade. Para os adolescentes, os aspectos positivos encontrados em uma Comunidade (leia-se habitantes de favelas, morros e periferia) seriam a alegria, o prazer, a solidariedade e o lazer. Os aspectos positivos encontrados em um condomínio seria o conforto.

Já os aspectos negativos encontrados em uma comunidade seriam o da falta de estrutura básica e a violência. E os aspectos negativos encontrados em um condomínio seria para eles a falta de liberdade (muros altos, seguranças e grades), competição entre as pessoas, ou seja, o individualismo em geral.

Como recurso de incentivo à produção da Construção de Maquete, apresentamos a eles uma fita de vídeo cassete cujo título era *Edifício Máster*. Trata-se, pois, de um documentário - sob a direção de Eduardo Coutinho -, que fala sobre a realidade de um grande condomínio. Ainda objetivando o enriquecimento do tema da construção do trabalho, houve a apresentação de outro filme intitulado *Cidade dos Homens (a Coroa do Império)*, dirigido por Paulo Morelli. Ambas as apresentações visavam não só contextualizar, mas mostrar que em um condomínio também há pessoas comuns que

sofrem e que não são as pessoas idealizadas por eles como pessoas sem problemas, que vivem no “luxo” em detrimento das pessoas da sua realidade, isto é, da favela.

Aspectos afetivo-emocionais foram observados em um adolescente, aqui representado pela letra R, no início do trabalho, o qual em um primeiro momento manteve uma atitude de afastamento da tarefa (quando foi feita a proposta de construir uma maquete, o afastamento por parte desse adolescente ocorreu de forma verbalizada, no momento em que nos disse: “-Não sei nem o que é isso, maquete!”). Entretanto, após a mediação e o incentivo dado pelo grupo, o adolescente deu início às suas próprias construções por meio da grafiteagem.

Para a forma de explicitação do “não saber” desse adolescente, o mediador do grupo (coordenador do trabalho- pedagoga, psicopedagoga, e aluna de especialização) lhe explicou o que seria uma construção de uma maquete e tentou estimulá-lo de maneira a participar do trabalho.

Todavia, dentre os aspectos afetivo-emocionais observados, também pode-se perceber o comportamento de satisfação em uma dupla no desenvolvimento da realização da tarefa. De forma descontraída, os dois conversavam entre si, relacionando-se de maneira interativa: brincavam ao mesmo tempo em que trabalhavam. Com a presença (e consecutiva aproximação) do coordenador (mediador), ambos estabeleceram com ele uma conversa, permitindo-o que participasse e tomasse, portanto, conhecimento da brincadeira desenvolvida entre os dois.

Aspectos interacionais também foram observados no grupo que, de posse do material disponível (lápiz grafite, lápis de cor, lápis de cera, caneta hidrocor, régua, etc.), manteve determinada dinâmica de interação grupal, desenvolvida no decorrer da atividade. Também se observou um bom nível de concentração e atenção à tarefa. Nesse grupo, inicialmente, se encontravam presentes aproximadamente 6 (seis) adolescentes e 6 (seis) membros da equipe técnica do CAPSIJ, além de uma educadora do abrigo.

O processo de construção da Maquete ocorreu, aproximadamente, por um período de 6 (seis) meses. Os encontros se davam uma vez por semana. Algumas vezes foi necessário mudar a dinâmica de trabalho, visto que foi preciso atender a “demandas” diferenciadas que surgiam para o atendimento de ordem particular desses adolescentes que, por vezes, não retornavam ao atendimento no CAPSIJ, o contribuiu para o retardamento da atividade.

A cada encontro havia uma possibilidade de retomar a construção de um objeto que ainda não tinha sido finalizado, e assim os adolescentes caprichavam, dedicando-se



todo o tempo necessário, até que ficassem de acordo com o que tinham imaginado. O objeto construído pelo outro era respeitado e, inclusive, havia a possibilidade de dar-se continuidade a esse, desde que não o descaracterizasse. A partir desse acréscimo, poderia surgir uma nova paisagem, uma transformação do espaço retratando uma nova imagem que começava a tomar forma. Eles escreviam, apagavam, desenhavam e elaboravam o que iriam construir. Algumas vezes, os adolescentes confeccionavam cartazes que continham, dentre outras mensagens, a de paz.

Em outros momentos, quando algum adolescente por ventura mantinha uma atitude de desrespeito ao trabalho como um todo, os próprios colegas o colocavam limites, o que demonstra o interesse por parte da maioria. E os adolescentes que, por algum motivo, não estivessem motivados a participar do trabalho, podiam contar com um profissional que lhes daria atenção individualizada, propondo-lhes outra atividade que poderia, inclusive, ser inserida no momento da efetivação da maquete.

### **Finalização e apresentação da maquete – “Comunidade X Condomínio”**

A finalização do processo de Construção da Maquete foi administrada pelo grupo que contava com a participação dos adolescentes. A eles foi dada a tarefa de construção de painéis com o objetivo de dar-lhes autonomia em suas construções.

A apresentação da maquete contou com a presença de 10 (dez) adolescentes, dentre os quais 3 (três) estiveram presentes durante todo o processo de construção do trabalho. Destes, destaca-se a participação de um jovem, que havia se ausentado do abrigo no dia anterior, apresentando-se ao grupo para a finalização do trabalho. O jovem em questão deu início ao debate sobre o processo de construção da maquete, falando sobre as etapas desenvolvidas, e como foram conduzidas pelo grupo. A conclusão do trabalho incluiu o debate e apresentação das filmagens, além da entrega aos participantes do registro fotográfico do processo de suas aprendizagens na construção da maquete.

No decorrer do desenvolvimento das atividades com esses adolescentes, jamais foi estipulada a obrigatoriedade de sua participação, que esteve sempre condicionada ao interesse e compromisso destes para com o trabalho realizado.

Apontando para a ideia de construção de um espaço propício ao exercício de resgate do desejo de aprender, todos os componentes do grupo falaram sobre suas construções, fazendo relatos enquanto mostravam na maquete a sua própria contribuição. A visão panorâmica e tridimensional de uma maquete representativa de

uma metrópole, em que estavam representados os espaços geopolítico e social, tornou possível a visualização da oposição Comunidade x Condomínio, ali retratada.

A representação de uma escola foi o último objeto por eles confeccionado, colocado em posição de destaque na maquete. O mesmo foi construído após a indagação feita por parte de um profissional participante sobre o que faltava ser retratado. Após alguns instantes de silêncio, alguns adolescentes responderam que faltava uma escola na Maquete.

A escola “esquecida” no momento da construção da maquete passa a ter uma importância simbólica para o trabalho. Inicialmente esquecida por representar um modelo, vivenciado por eles, de um local que promove a segregação, descartando e excluindo alguns, ainda assim a escola apresenta-se como uma esperança a muitos deles, uma vez que foi imediatamente mencionada após o questionamento feito pelo profissional. Teriam esses jovens “esquecido” a escola ou teriam *eles* sido esquecidos por ela?

Uma possível reflexão que se pode fazer é a de que para além de “faltar a escola”, na vida desses adolescentes, ainda está ausente um efetivo compromisso de ordem político-socio-cultural por parte dos governantes, gestores e sociedade na Construção de Políticas, Culturas e Práticas Públicas que atendam esses sujeitos em seus direitos de cidadãos. Que a escola, na vida de cada um, possa vir a ocupar não somente o lugar de aprendizagem para aquisição de conteúdos formais, mas um espaço de desenvolvimento global e de tempo integral na formação do aluno, e que isso possa vir a se tornar uma realidade nas instituições educacionais, e que nelas todos sejam incluídos e respeitados em suas diferenças e diversidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao ser validado pela pesquisa qualitativa aqui apresentada, pode-se perceber que neste trabalho realizado com o referido grupo de adolescentes se fez possível a vinculação efetiva de um trabalho multidisciplinar, utilizando como ferramenta de intervenção o dispositivo disparador do resgate do desejo de aprender, tomado aqui como um rico material estimulador de aprendizagem.

O Projeto de Trabalho: Construção de Maquete pode, portanto se apresentar como um valioso instrumento de intervenção, ao resgate do desejo de aprender com esses adolescentes em processo de reabilitação psicossocial. Este podendo ser levado

também a outros grupos de “aprendensinantes” que foram excluídos em algum momento e de algum modo em suas vidas de seu processo de ensino aprendizagem. Tal recurso poderia também ser utilizado como um dispositivo motivador de aprendizagem possibilitando o processo de inclusão destes no ambiente escolar da rede pública de ensino.

## REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

- BARBOSA, Laura Monte Serrat (1998). **Projeto de trabalho: uma forma de atuação psicopedagógica**. Curitiba: L. M. S. Barbosa.
- BARBOSA, Laura Monte Serrat (1998). **A Psicopedagogia no âmbito da instituição escolar**. Curitiba: Expoente.
- FERNANDEZ, Alicia (1994). **A mulher escondida na professora: uma leitura psicológica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- FERNANDEZ, Alicia (1995). **Inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- FERNANDEZ, Alicia (2001). **Os idiomas do aprendente: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação**. Porto Alegre: ARTEMED.
- FERNANDEZ, Alicia. (2001). **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. Porto Alegre: ARTEMED.
- FERNANDEZ, Alicia (2001). **Psicopedagogia em psicodrama: morando no brincar**. Petrópolis: Vozes.
- WINNICOTT, D. W. (1975) **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1975.
- MACEDO, Lino de. (1997) **Quatro cores, senha e dominó: oficinas de jogos em uma perspectiva construtiva e psicopedagógica**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- MAIA, M. V. C. M. (2007) **Rios Sem Discurso: Reflexões sobre a agressividade da infância na contemporaneidade**. São Paulo: Vetor.
- \_\_\_\_\_ (2009) *“Como pode o peixe vivo viver fora da água fria?”: Jogos e espaço lúdico em crianças com conduta antissocial e dificuldade de aprendizagem*. Projeto de Pesquisa independente, Rio de Janeiro: UFRJ.
- SERRA, D. (2008) Inclusão e Ambiente Escolar. In: SANTOS, M. P. dos. ; PAULINO, M. P. (orgs). **Inclusão em Educação: Culturas, Políticas e Práticas**. São Paulo: Cortez, p. 31 – 43.